

Diário Económico

13-02-2015

Periodicidade: Diário

Classe: Economia/Neócios

Âmbito: Nacional

Tiragem: 18714

Temática: Banca/Seguros

Dimensão: 785

Imagem: S/Cor

Página (s): 2

FINANCIAL TIMES

Enrique Marcantian / Reuters



Os bancos privados não podem ser meras lavandarias

John Gapper
Colaborador FT



Quando uma pessoa canaliza dinheiro obtido ilicitamente para uma conta na Suíça ou para a compra de um apartamento de luxo em Manhattan, essa operação tem um nome: lavagem de dinheiro. Mas que expressão se usa para definir o uso de lucros para evasão fiscal ou para financiar activos questionáveis? A questão ocorreu-me esta semana quando lia um artigo sobre o caso dos 30 mil clientes do banco privado suíço HSBC, que remonta a 2007. Uns evitavam pagar impostos no país de residência, enquanto outros pareciam respeitar a lei mau grado alguns movimentos estranhos.

O não residente, ou não domiciliado, é o novo pária dos tempos modernos. Sem raízes e com dinheiro, facilmente se deixa seduzir pela oferta imobiliária e financeira de “portos seguros” como Londres e Nova Iorque em troca de promessas de paz,

sossego e tratamento fiscal generoso. Compra um apartamento em Central Park ou uma moradia em Mayfair através de uma empresa fantasma, coloca o dinheiro num banco suíço e, em vez de impostos, paga 30 mil libras ao governo britânico.

Pode ser legal, mas é altamente penalizador para os contribuintes a braços com cortes e défices orçamentais, que lutam como podem para pagar a hipoteca da casa. Espreitemos agora o outro lado da barricada, onde estão os bilionários. Há motivos razoáveis para os ricos colocarem o seu dinheiro em bancos suíços – que não a evasão fiscal ou esquemas para evitar o pagamento de

Na década de 1990 os bancos suíços já falavam da lavagem de dinheiro como algo do passado. A dada altura deixamos de acreditar no que dizem.

impostos –, como o clássico “não está seguro no país de residência”.

No entanto, esta situação não é abonatória nem para os governos que querem aliciar a elite global com benefícios fiscais sobrecarregando os seus cidadãos; nem para os bancos privados que mancham a reputação de todos os clientes ao facilitarem os pecados de alguns; nem para os empreendedores que conquistaram a sua riqueza com trabalho árduo. Todos podem fazer mais para mudar o actual estado de coisas.

O Reino Unido e outros países, incluindo os EUA, também devem apertar a malha em torno das empresas fantasma, na medida em que são o veículo financeiro de eleição de quem se dedica a branquear capitais. A pilhagem da riqueza dos países em desenvolvimento faz-se, na maior parte dos casos, através de empresas fantasma e contas ‘offshore’. Um mecanismo cada vez mais comum quando se trata de ocultar os verdadeiros proprietários de casas luxuosas.

Para os bancos privados, o que está em jogo é proteger e investir riqueza de origem legal, e não lavar dinheiro ou ajudar à evasão fiscal. Não faltam pessoas com dinheiro limpo, incluindo 45 mil com activos superiores a 100 milhões de dólares (87,8 milhões de euros). Estamos a falar de um negócio que pode ser extremamente rentável. “No passado, a banca privada suíça operava de uma forma muito diferente da actual”, lê-se no comunicado emitido esta semana pelo HSBC à laia de ‘mea culpa’.

Recordo-me que na década de 1990 os bancos suíços já falavam da lavagem de dinheiro como algo do passado. A dada altura deixamos de acreditar no que dizem. Quanto aos ricos, resta saber se querem “ascender” a branqueadores de capitais usando bancos privados para fugir aos impostos que outros pagam. Pergunto-me se é maneira de se comportarem – mesmo que estejam dentro da lei. ■

Tradução de Ana Pina